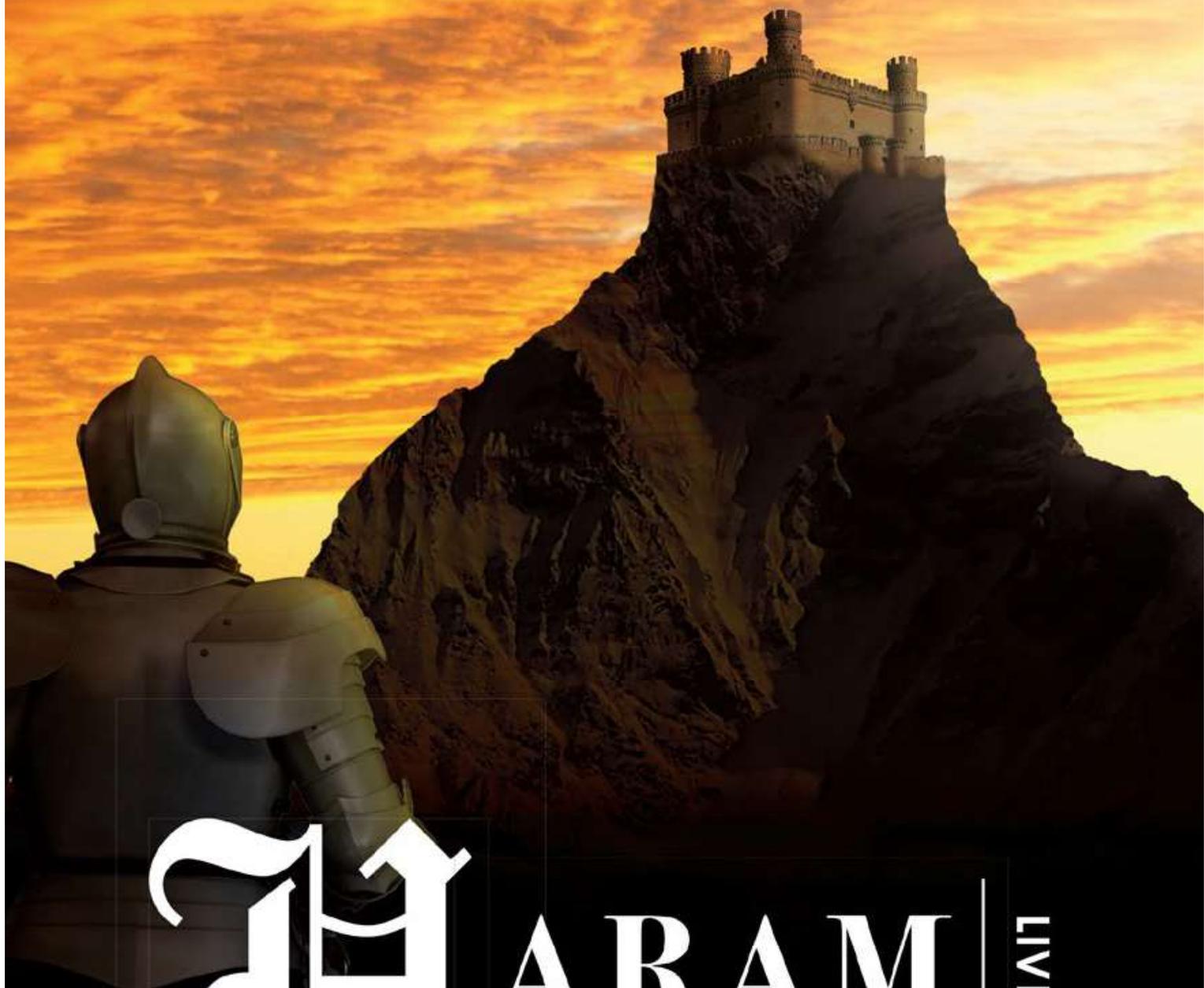


GUTO BASSI



H

ARAM
TERRA IMSHI

LIVRO 2

schöba.

Guto Bassi

Haram - Livro II:
Terra Imshi

Copyright © Guto Bassi

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma e por qualquer meio mecânico ou eletrônico, inclusive através de fotocópias e de gravações, sem a expressa permissão do autor. Todo o conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do autor.

EDITORA SCHOBA

E-mail: atendimento@editoraschoba.com.br

www.editoraschoba.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Bassi, Guto

Haram : terra Imshi / Guto Bassi. -- Salto : Schoba Editora, 2020.

840 p.

ISBN 978-85-8013-533-6

1. Literatura brasileira I. Título.

CDU 82(81)

CDD B869

17-0417

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira

Sumário

Capítulo 1 – Imhiniin	7
Capítulo 2 – Shishlan	46
Capítulo 3 – Ashlarmin	114
Capítulo 4 – Shivanamin	206
Capítulo 5 – Marclit	320
Capítulo 6 – Shirsha	398
Capítulo 7 – Shirvana	483
Capítulo 8 – Brasha	567
Capítulo 9 – Drungan	634
Capítulo 10 – Wisharianis	767

CAPÍTULO 1

Imhiniin

ELA QUASE NÃO HAVIA CONSEGUIDO NADA AO LONGO DAQUELE dia que já se encaminhava para a metade. Nos primeiros dias após a grande batalha fora fácil encontrar muitas coisas interessantes. Conseguira roupas, peles, algumas bolsas. Mas principalmente encontrara comida. Os soldados têm que estar bem alimentados. Se não estiverem com a barriga cheia, se estiverem com fome, como iriam levantar as espadas pesadas? Como esticariam as cordas dos arcos? Como se matariam uns aos outros? Precisavam de vigor para usar as armas. Armas. Ela também encontrara muitas armas mas não as tocara. Temia tanto as armas quanto os homens que as empunhavam. Havia algo de sinistro no brilho de uma espada faiscando ao sol, na mão calejada de um guerreiro furioso. E nada havia de bonito numa flecha cravada no peito de um soldado que deixara de respirar neste mundo. Aproximou-se devagar do que ela julgava ser mais um morto. Seus olhos experientes haviam notado o homem deitado naquela vala, no meio do campo, de bruços. Todo o tempo que ela usara para se aproximar ele não havia feito o menor movimento. Nem o mais leve subir do seu peito, necessário para que ele respirasse, era perceptível. Parou na borda da vala. O homem deitado lá no fundo exalava um cheiro ruim. Ela torceu o nariz. Sabia que estava morto há dias e que o calor do sol e a umidade já deveriam ter começado a decompor o corpo. Sem entrar na vala, virou o homem com a ponta do seu bastão. O corpo girou sobre o ombro, ficando com o rosto voltado para cima. Ela não se enganara: as feições do morto eram irreconhecíveis, estava extremamente inchado, os olhos esbugalhados e o cheiro de podridão era ainda maior. Seu estômago embrulhou ao ver o grande ferimento na altura do pescoço, um corte profundo que se estendia de orelha a orelha. Aquele soldado havia sido degolado e atirado ali para apodrecer. Agora, no ferimento, alguns vermes de cor branca tentavam se esconder da luz, protegendo-se mais fundo dentro

do corpo que os alimentava. Ela nem tentou revistá-lo: sabia que antes de ser morto qualquer objeto de valor teria sido retirado. E qualquer comida que o homem pudesse ter em suas roupas estaria tão impregnada com aquele fedor que só a ideia comer a fazia sentir como se seu estômago estivesse prestes a se esvaziar. Cuspiu. Com um salto pulou sobre a vala e seguiu seu caminho. Ainda havia muita coisa para ser vista, certamente muitos soldados mortos por ali ainda não haviam sido revistados.

O som silvado que ela ouviu foi quase simultâneo com a dor intensa nas costas. Virou-se, instintivamente curvando o corpo e o movimento a fez esquivar-se da segunda flecha. Do alto da sua sela o arqueiro praguejou, enquanto seu companheiro ria. Ele acertara sua flecha. Se o outro errara, ganhara a aposta, poderia ficar com tudo que aquela saltadora carregasse. Esporearam os cavalos e cruzaram o campo, num trote moderado. A flecha cravara fundo nas costas da mulher, cerca de um palmo acima do quadril, do lado direito. A dor era tão intensa que mesmo respirar era difícil. Tropeçou, cambaleou, mas continuou tentando correr. Sabia que se ficasse parada seria seu fim. Sentia que se continuasse correndo provavelmente seria seu fim também. Ouvia o passo pesado dos cavalos às suas costas, mas não tinha coragem de voltar-se para ver o rosto de seus matadores. Sabendo que não alcançaria a segurança das árvores, parou e baixou os braços. Com os olhos fechados esperou o golpe final.

A moça não notara Haram escondido entre os galhos dos arbustos, exatamente no meio das árvores para onde ela tentara correr. Ele a observara desde o momento em que entrara no campo, atraída pelo corpo na vala. Haram vira muitas daquelas pessoas nos últimos dias. Andavam de um lado para outro, pilhando os corpos e roubando tudo que era possível. Talvez roubando não fosse bem o que fizessem: não se podia roubar dos mortos, já que os mortos não tinham direito a propriedades. Retiravam dos mortos tudo que podiam. Não era rara a visão de corpos nus apodrecendo ao sol depois que a pilhagem terminava. Nem a roupa era permitida a quem morria. A moça examinara o corpo com jeito de quem tinha experiência naquilo. Mesmo daquela distância Haram sentia o cheiro do homem que apodrecia. E talvez por ter o vento ao seu favor, ouviu os ruídos dos dois soldados montados que também espreitavam-na, do outro lado do pasto. Haram pressentiu que alguma coisa ruim iria acontecer mas nada fez para tentar avisar a moça. Só conseguiria denunciar seu esconderijo e acabariam os dois mortos. Viu claramente quando a moça parou e fechou os olhos.

Ele sabia que ela havia se rendido, que em alguns momentos estaria morta. Apertou firme um galho de árvore e engoliu em seco, incapaz de desviar seus olhos do que aconteceria. Os dois homens estavam de pé nos estribos, um ainda segurando o arco. O outro desembainhara uma espada e se aproximava. Esporeou mais o cavalo, passando a galopar. Com um gesto rápido, desceu a espada, num semicírculo, fazendo-a cair paralelo ao pescoço do cavalo e estendendo o movimento para trás. Pela destreza do golpe Haram percebeu que o homem já o executara muitas e muitas vezes. A espada separou a cabeça dos ombros da moça como se ali não houvessem ossos. A cabeça rolou para a frente, batendo no chão com um som oco. Do pescoço decapitado o sangue esguichou muito longe, tingindo de vermelho uma grande faixa de grama. Os joelhos dobraram e o corpo caiu para a frente, com as pernas se estendendo convulsivamente, como se fosse sair correndo. O homem que dera o golpe puxou as rédeas do cavalo, fazendo-o estacar. De onde estava, talvez uns trinta passos, Haram podia ver o seu sorriso. Tinha um rosto largo, no centro do qual se via um grande bigode com as pontas caídas. O sorriso deixava ver dentes quadrados e grandes, de uma coloração amarelada. O prazer de matar estava em seus olhos e Haram achou que ele tinha aspecto cruel. Os dois homens desmontaram e se aproximaram. O que decapitara a moça chutou a cabeça para longe. Fora ele quem errara a flecha e estava ainda chateado por ela ter se mexido. Ao menos a decapitara, evitando que o companheiro sortudo aproveitasse o corpo para divertir-se. Nem mesmo um animal sanguinário como aquele violaria um corpo sem cabeça. A frustração do outro homem era evidente. Xingou-o numa língua que Haram não entendeu. Mas percebeu que a discussão era sobre a moça ter sido decapitada. Com horror Haram compreendeu o motivo que os levava a discutir: sabia que violações e destruição sempre aconteciam na guerra, mas vê-las de perto era outra coisa. Controlando a respiração e procurando manter-se o mais quieto possível, encolheu-se. Os homens continuavam discutindo. O decapitador ria, enquanto o outro esbravejava. A discussão foi ficando mais violenta. Mesmo sem entender o idioma áspero com suas palavras rascantes, ele percebia que os homens estavam ofendendo-se mutuamente. Ainda com a espada na mão o decapitador aproximou-se do outro. Tinha a mão direita crispada em torno do cabo da espada, como Haram podia observar. O outro homem estava tão furioso e preocupado em ofendê-lo por tê-lo privado de um pouco de diversão que deixou-se enganar pelo sorriso amarelo que via nos lábios do companheiro. Talvez no último instante, ao fixar seu olhar

nos olhos gelados, tenha percebido suas intenções. Mas era tarde demais. A espada cortou o ar produzindo um som semelhante ao zumbido de uma abelha. O homem parou uma frase no meio, suas palavras se transformando num som gorgolejante enquanto grandes bolhas de ar e sangue brotavam de seu pescoço cortado. A rapidez e a precisão do golpe deixaram Haram como que pregado ao chão. A espada cortara o pescoço de um lado ao outro, seccionando as veias e a traqueia, mas não cortara a coluna. Haram já matara muitas ovelhas de forma semelhante e sabia que era um fim rápido. O homem caiu ao lado do corpo da moça, aumentando com o seu sangue a grande mancha vermelha que sujava a grama. O decapitador estava parado, com a espada pendendo preguiçosamente ao longo do corpo. Calmamente esperou o homem aos seus pés parar de se mexer para limpar a lâmina da espada na sua capa. Embainhou-a e sem se dar ao trabalho de revistar os corpos, montou seu cavalo. Tomou as rédeas da montaria do companheiro e afastou-se, a galope. Ao voltar da patrulha diria simplesmente que foram atacados de surpresa por um grupo de três inimigos desgarrados. Seu companheiro morrera, ele se salvara. Acontece sempre numa guerra. Mortes são inevitáveis. E depois que a guerra termina, quem matou quem acaba sendo um detalhe sem a menor importância.

Haram não se moveu até o soldado sumir entre as árvores do outro lado da clareira. Não ousava nem respirar profundamente. Ainda ficou imóvel por um longo tempo até ter a certeza de que ninguém mais observara o drama que acabava de se descortinar diante dos seus olhos. Com muita cautela, ouvidos atentos, seu nariz farejando o ar, aproximou-se dos dois corpos na grama. Jaziam lado a lado, indiferentes um ao outro, como que unidos na morte. Evitando olhar para o rosto do homem, Haram virou-o com a face para cima. Um pouco de sangue ainda escorria do ferimento. O peito do homem tinha agora uma grande crosta de sangue coagulado. Era impressionante a quantidade de sangue que podia jorrar de um corpo. Revistou-lhe o cinto e encontrou um punhal. Deixou-o onde estava. Já tinha o seu, presente de Murthali. E naqueles dias armas perdidas estavam por todos os lados. Encontrou também uma bolsa, contendo algumas moedas com um furo no centro. Essas Haram guardou. Sabia que podiam ser úteis na hora de trocar por alguma comida. Ao lado do corpo estava o longo arco que disparara aquela flecha que errara o alvo. Haram o pegou e experimentou vergá-lo. A madeira rangeu e Haram sentiu a tensão da corda de couro nas suas mãos. Abriu os dedos, liberando a corda como sabia que os arqueiros faziam. Ela

bateu com força na parte interna de seu antebraço esquerdo, provocando uma dor súbita. Haram largou o arco e observou o ferimento: o couro firmemente trançado arranhara profundamente a pele e a dor que sentia o fazia saber que aquilo certamente ficaria roxo. Abriu e fechou a mão para aliviar o desconforto. Deixou o corpo do homem de lado. Com todo o cuidado para pisar na menor quantidade de sangue possível, aproximou-se da moça morta. Ela tinha preso à cintura um saco de couro costurado que Haram pegou. Dentro encontrou carne defumada, alguns pedaços de pão e algumas frutas que ela deveria ter retirado dos pertences de algum soldado morto. Deu de ombros. Paciência, assim era a vida. Os mortos não precisariam mais daquela comida, mas os vivos sim. Correu os olhos pelo campo e deparou-se com a cabeça da moça, há uns dez passos de onde estava. Mesmo daquela distância pode ver claramente que ela havia sido bonita. A boca estava entreaberta e os olhos pareciam fitar Haram, com uma expressão de surpresa. Um calafrio percorreu-lhe a espinha. Desviando os olhos, apressou-se em voltar para a segurança das árvores, onde sua mochila estava guardada em um esconderijo seguro.

As coisas não tinham saído exatamente como ele planejava, desde que deixara os montes marlic. Na verdade Haram não podia mesmo saber como as coisas seriam longe do conforto da cabana de sua família. Sempre vivera ali. E desde que lembrava de respirar, sentia aquela vontade de saber o que havia além dos montes. Ninguém a não ser o velho Marhana lhe falara de coisas maravilhosas que existiam em lugares distantes. Todos os outros, inclusive D'tah, haviam saído poucas vezes da segurança das montanhas e voltavam contando que as pessoas não gostavam dos marlic, que eram muito diferentes. Diziam que o lugar dos marlic era mesmo nas montanhas, onde se entendia a língua que as outras pessoas falavam e as coisas do dia a dia eram simples de fazer e entender. Haram sempre se revoltava com isso. Sabia que as pessoas deviam viver uma vida intensa, cheia de emoções e novidades longe daquelas malditas montanhas. A vida de um pastor era uma vida cheia de tédio. Nada acontecia para quebrar a monotonia, na maior parte do tempo. Talvez algum lobo comesse algumas ovelhas. Talvez alguma ovelha se perdesse. Talvez uma avalanche no inverno. Talvez nada. Sempre da mesma forma, sem graça. Haram nunca pensara em ficar por ali. E quando viu no céu primaveril o reflexo das fogueiras, sabia que tinha quer partir. E o fez.

Como um homem deve fazer: pegar seu *lasha'n*¹ na mão e escolher se vai para a direita ou para a esquerda. No primeiro dia de marcha, Haram não se desviou nem para a direita nem para a esquerda. Marhana lhe dissera que a grande batalha seria na direção do poente. Seguiu então o rastro do sol no céu, em linha reta. A primeira noite o pegou ainda nos montes *marlic*. Encontrou uma ravina profunda, onde pode deitar-se e descansar, ao abrigo do vento. M'ahm lhe dera comida suficiente para dois ou três dias. Estava faminto depois de um dia inteiro caminhando e a carne defumada caiu-lhe muito bem. O pão de Mir'hiana também estava delicioso. Fechar os olhos e mastigá-lo trazia-lhe à lembrança o calor aconchegante da cabana. Balançou a cabeça, afastando essas ideias. Estava exatamente onde queria, atrás do seu destino. Ansiara demais por isso a vida toda. Agora não ia entregar-se à saudade de casa. Correria atrás do seu futuro, fosse ele qual fosse. Percorreu com os olhos os campos que se descortinavam à sua frente, onde até o horizonte não se via montanhas, mas uma enorme planície. Ao longe teve a impressão de ver o brilho de uma fogueira. Não interessava de quem eram aquelas terras. Iria cruzá-las amanhã. “Amanhã o mundo será meu”, pensou. Com essa ideia na cabeça e sentindo-se feliz por dormir ao relento sem ter ovelhas para vigiar, foi envolvido por um cansaço agradável que se apossou de seu corpo e o mergulhou num sono sem sonhos.

O sol já o encontrou de pé, totalmente refeito. A fome e a vontade de tomar uma refeição quente eram enormes. Mas, ansioso como estava para prosseguir, não quis gastar o tempo juntando lenha e acendendo uma fogueira. Mastigou mais um pedaço de carne e pão e guardou o restante para a refeição da noite. “Amanhã vou precisar caçar se não quiser ficar com fome”, pensou. Sorriu. Se tivesse sorte até a noite já teria encontrado algumas pessoas e estaria atrás de um exército onde se alistaria. Queria ser um guerreiro. Iria atrás dos soldados e se juntaria a eles. Ansioso para agarrar seu *lasha'n* pelo pescoço desceu a última colina dos montes *marlic* aos saltos, quase correndo.

O vale abaixo lhe parecera plano, visto do alto. Na verdade não era bem assim, havia algumas irregularidades, nada mais do que leves ondulações na paisagem que não ofereciam nenhuma dificuldade para as pernas de quem toda a vida subira e descera pelas encostas íngremes das montanhas *marlic*. Era quase um passeio e Haram podia apreciar a paisagem. O vale era cortado por um riacho pedregoso de cuja água fresca ele bebeu. Encheu seu cantil

1. Destino, boa sorte, em *marlic*.

de couro e continuou caminhando, seguindo a margem. Parecia-lhe lógico que, seguindo a margem, chegaria a algum lugar. As pessoas sempre moravam perto da água. Ao menos os marlic faziam assim. Parecia-lhe lógico que todos fizessem assim. Subiu o riacho, no sentido contrário à correnteza, já que a água corria para o nascente. Por volta da metade do dia já havia quase chegado à outra extremidade da planície. Sentou-se sobre uma pedra e bebeu um grande gole d'água do seu cantil. Quando o baixou, sua atenção foi atraída por uma forma que boiava no meio do riacho. Levantou-se sobressaltado: de bruços, sendo levado vagarosamente pela correnteza, um corpo boiava. Haram engoliu em seco. Lembrou-se que bebera água daquele riacho há pouco e cuspiu várias vezes, como se percebesse um gosto estranho na boca. Ficou de pé na pedra sobre a qual sentara e à distância examinou melhor o corpo. Um dos braços enroscara em um tronco e o corpo estava atravessado na correnteza, balançando-se. Haram percebeu que era uma mulher com longos cabelos da cor do trigo pronto para ser colhido. Em suas costas contou quatro flechas. “Quem mataria uma wor'hama ²? E pelas costas?” perguntou-se, confuso. Não deveriam ser soldados. Nenhum guerreiro honrado faria uma coisa daquelas. Movendo-se lentamente, o corpo continuou descendo a correnteza. O galho fino quebrara-se e liberara o cadáver, que seguiu sua jornada rio abaixo. Haram ficou observando enquanto sumia na primeira curva do rio. Deveria tê-la retirado da água? Sua família poderia estar preocupada, procurando-a. Lembrou-se das flechas cravadas no corpo e pensou que talvez a família daquela mulher houvesse encontrado um destino semelhante ao seu. Talvez houvesse por perto um bando de bandidos, de assaltantes, assassinos sanguinários que pilhavam tudo após a passagem dos soldados. Talvez. Com os olhos muito abertos e atento ao menor movimento, Haram redobrou o cuidado e continuou seguindo o rio correnteza acima.

Até o final da tarde contara mais vinte e três corpos descendo o rio. Vira homens, mulheres e, para sua surpresa e espanto, diversas crianças. Agora não tinha dúvidas. Algum grande bando de bandidos estava por perto e aterrorizava a população, após a passagem dos exércitos. Haram sabia que deveria evitar esses homens e procurar a segurança entre os militares. A noite o pegou à margem do rio, numa área em que este se alargava e a correnteza era mais lenta. Abrigou-se atrás de uma pedra e sentou, todo encolhido, após ter consumido o restante da comida da mochila. Hesitou antes de voltar a beber. O cantil se esvaziara há muito tempo e ele não se sentia à vontade para

2. Mulher, em *marlic*.

beber daquele rio, sepultura de tantos corpos. Por fim, vencido pela sede, encheu o cantil e bebeu assim mesmo, tentando não pensar no que fazia. De onde estava e com a lua cheia, Haram podia observar a superfície da água enquanto permanecia no escuro, atrás da pedra. A luz da lua deixava a paisagem quase tão clara quanto estaria durante o dia. Ao longo da noite, viu mais corpos descendo o rio. Parou de contá-los. Tentou dormir, mas estava agitado demais. Qualquer ruído o sobressaltava. Um peixe pulando na água parecia-lhe um barulho terrível. Por duas vezes julgou ter ouvido passos que se aproximavam e se afastavam da água. Deveria ser sua imaginação. Ou algum animal indo beber. Por fim caiu no sono, seu cansaço vencendo seus temores.

O calor do sol aquecia a paisagem e o acordou com uma sensação remotamente agradável. Seus braços e pernas estavam doídos por ter dormido toda a noite sentado. Sua barriga roncava, exigindo a quantidade habitual de comida. Revisou sua mochila. Encontrou um último pedaço de pão e o comeu, mastigando bem. Agora sim, estava por sua própria conta. Não teria mais os sabores conhecidos de casa. Agora teria que arranjar o próprio alimento. Apesar da tensão das últimas horas, sorriu. Agora estava como sempre quisera: tudo dependia dele, teria que decidir o que faria de acordo com a sua própria vontade e necessidades. Urinou junto à pedra, tomando o cuidado de escolher o lado do qual a urina não escorreria para dentro do rio. Voltou a sorrir. Com tantos corpos naquela água que diferença faria? Deu de ombros. Aprendera a não urinar no rio do qual beberia quando ainda criança e não sujaria a água agora. Colocou a mochila nas costas, bem mais leve já que a comida acabara e, cautelosamente, continuou subindo o rio. Viu apenas mais três corpos até a metade do dia. Todos presos à vegetação da margem, já começando a cheirar mal. Haram poupou a água que tinha no cantil. Agora sim não seria mais capaz de beber daquela água onde corpos apodreciam. Após uma curva do rio, ainda escondido dentro da vegetação, quando o sol estava mais alto e as sombras menores, Haram divisou uma cabana. Tomou todo o cuidado ao se aproximar. Não queria ser visto até ter certeza sobre o tipo de gente que morava ali. E se fossem os bandidos que mataram todas aquelas pessoas? Seus ouvidos treinados não captaram nenhum som de alerta. Não havia fumaça saindo da chaminé. Inspirou profundamente. Virou o rosto para o vento e fechando os olhos, farejou. O cheiro da morte era facilmente perceptível no ar. Os bandidos haviam passado por ali. Ergueu o corpo com cuidado e foi até a cabana, encostando-se contra a parede dos

fundos. Novamente apurou os ouvidos, sondando o ar à procura de sons de perigo. Nada. Nenhum ruído, nada além do cheiro de morte. Levantou-se e caminhou até a cabana, que estava com a porta aberta. Logo à entrada, o corpo de uma criança fitava o céu com olhos baços. Era um menino e deveria ter quatro, no máximo cinco invernos. Tivera a garganta cortada. Sua barriga estava inchada e o cheiro desagradável que exalava era perceptível de muito longe. Mesmo assim Haram entrou na cabana. Encontrou mais três corpos lá dentro. Um homem adulto e uma menina ainda mais jovem do que o menino à porta estavam no chão da cabana, ambos com as gargantas cortadas. Haram notou que os braços e mãos do homem tinham vários cortes, o que o fez supor que o homem tentara lutar, defendendo sua cabana e sua família. Mas fora inútil. O interior da cabana estava uma bagunça. Aos olhos de Haram parecia que tudo que pudesse ter alguma utilidade havia sido levado ou quebrado, com a exceção de uma mesa tosca, onde jazia o corpo de uma mulher jovem. Estava nua e um rápido exame feito à distância por Haram o fez perceber que havia sido brutalmente violentada antes de ser morta como as outras pessoas na cabana. Havia um corte reto, feito à faca, de uma orelha até a outra. O corpo inchado deixava bem visível a Haram o sofrimento terrível que ela havia passado antes de ser morta. Muitas pegadas em torno da mesa e os arranhões no corpo deram-lhe a impressão de que vários homens a usaram antes de matá-la. A mulher tinha os olhos abertos, com uma expressão de angústia. Haram não pode deixar de pensar que talvez ela tivesse ansiado por ser morta logo, para que aquele tormento todo terminasse. Olhando em torno, com lágrimas nos olhos, Haram percebeu que nada sobrara daquela família. Os assassinos não haviam poupado ninguém. Com raiva, imaginou que os soldados deveriam matá-los quando os capturasse. E Haram estaria com eles. Vingaria todos aqueles corpos no rio. E também ajudaria quem quisesse fazer justiça por aquela família. Subitamente a cabana pareceu-lhe insuportavelmente quente. Foi para o lado de fora, passando por cima do corpo do menino, atravessado à porta. De lá pode examinar melhor o lugar. A cabana se situava numa curva bonita do rio. Imaginou o quanto deveria ter sido agradável passar horas sentado naquela areia, na frente dela, a família brincando, talvez o homem pescando algum peixe para a refeição da noite. Agora acabara. Estavam mortos. Haram contou três restos de fogueiras apagados na área em frente à cabana. O bando que trucidou a família devia ser grande, a julgar pelas fogueiras e pelas pegadas que conseguiu contar. Haviam abandonado a cabana há mais de três dias, a julgar pelo estado dos

mortos. As pegadas estavam meio apagadas, mas algo causou estranheza em Haram: eram todas muito semelhantes. Pareciam ter sido feitas por botas idênticas, que deveriam fazer parte de um uniforme. Mas, Haram achava, só soldados usavam botas de uniforme. Será que um exército também passara por ali, acampando, em perseguição aos bandidos? E por que não enterraram ou queimaram os corpos daquela família? Haram estava agora mais cheio de dúvidas. Uma possibilidade começava a tomar forma em seu pensamento, mas era terrível demais para que fosse verdade. Agitou a cabeça. Deveria ser sua imaginação excessivamente ativa pela tensão das últimas horas. Suspirou. Se quisesse comer alguma coisa hoje, deveria começar a caçar. Relanceou os olhos pela paisagem, parando-os no corpo do menino, deitado à porta. Hesitou um instante e por fim decidiu-se. Podia ficar um dia sem comer. Mas não podia deixar aquela família de desconhecidos daquele jeito. Entrou de novo na cabana, examinando-a melhor. Os assassinos haviam levado quase tudo, mas num canto achou o que procurava. Pegou a pá de madeira e saiu, determinado, da cabana. Havia decidido enterrar a família. Teve medo de que se queimasse os corpos poderia atrair a atenção de alguém nas proximidades. E se o que pensara há pouco pudesse ser verdade, Haram queria passar o mais despercebido possível. Deveria continuar se escondendo. E se escondendo de todas as pessoas. Escolheu uma área atrás da casa, onde ainda havia areia do rio, macia e fácil de ser escavada, ao invés de entre as árvores onde a terra era mais compacta e algumas raízes poderiam atrapalhar. Cavou com determinação e logo tinha um buraco que chegava até a altura do seu peito. Saiu do buraco e trouxe os corpos. Primeiro as crianças, depois o homem. Antes de carregar o corpo da mulher, embrulhou-o em uma pele rasgada que encontrara em um dos cantos da cabana. Achou que ao menos enterrá-la envolta em pele seria menos indigno do que enterrá-la nua, a violação do seu corpo tão evidente. Balançou a cabeça. “Bobagem, ela está morta”, uma voz pareceu sussurrar para ele. Ainda assim a enterrou enrolada na pele, como achou ser mais correto. Cobriu o buraco rapidamente, terminando antes que o sol se pusesse. Estava cansado. E faminto. Foi até o rio e lavou-se, explorando bem as margens com os olhos antes, à procura de algum corpo. Não viu nenhum. Banhou-se rapidamente. Mas não se sentia limpo. O cheiro da morte estava por todos os lados. E parecia estar em sua pele também. E a fome aumentava, agora quase um tormento. Olhou para a cabana, enquanto pegava a mochila. Achou que a família teria apreciado o que ele fez. Suspirou. Hoje fizera algo de bom para os outros. Mas amanhã teria que encontrar algo para

comer. Deu às costas à morte e continuou subindo o rio, procurando um abrigo para a noite.

Desta feita não dormiu sentado, mas fez uma cama com alguns galhos. Não era exatamente confortável, mas era bem melhor do que o chão duro. Não tinha peles macias como em casa, sobre as quais um corpo cansado se sentia confortado e relaxado. Mas era o que se podia arrumar. E a fome que sentia era bem mais desagradável do que qualquer outra coisa que pudesse estar incomodando. Mergulhou num sono agitado, cheio de sonhos. Sonhou que a família que enterrara vinha agradecer-lhe. Mas lhe falavam numa língua estranha, que ele não conseguia entender. As duas crianças brincavam, alegres, e o menino tinha o rosto de Shardric. A mulher ria muito, com uma expressão alegre, como se nunca houvesse passado pelos tormentos que Haram lera na sua face morta. O homem sorria, oferecendo-lhe um gole de behr'lac³. No sonho Haram bebeu um grande gole, sentindo a bebida aquecê-lo. Observou o menino, com o rosto de Shardric, sorrindo para ele. Repentinamente a expressão do menino mudou, o terror estampado em sua face. Haram ouviu a aproximação do exército, que deixava a criança assustada. Abriu os olhos. Desta vez não era sonho. Ouvira mesmo os passos dos cavalos. Alguém se aproximava pela floresta. O dia estava clareando e aquela luminosidade difusa do amanhecer envolvia tudo. Haram ficou imóvel. Do rio levantava-se uma bruma que só se dissiparia quando o sol raiasse. Sabia que a bruma o esconderia e encolheu-se. Quem quer que fosse o homem que caminhava pela floresta naquela hora, não tomava nenhum cuidado em passar despercebido. Haram piscou, tentando afastar aquela sensação de irrealidade que sucede ao despertar abrupto. Apurou o ouvido. Concluiu que era um cavalo só. E vinha caminhando, lentamente. Havia também passos incertos, de uma pessoa. Talvez estivesse ferido, porque quebrava galhos e parecia hesitante. O vento soprava em outra direção e Haram não pode perceber nada do seu cheiro. Concluindo que era só uma pessoa optou por ficar imóvel, colando-se ainda mais ao chão. Com todo o cuidado foi na direção de onde provinha o som. Encontrou um arbusto denso que lhe permitia observar bem uma pequena clareira na mata. Ficou imóvel. Se os seus cálculos estivessem corretos, é por ali que o cavalo passaria. Era o trecho mais limpo, sem raízes e mais fácil de atravessar. Mas não foi o cavalo que Haram viu primeiro. O homem caiu para dentro da clareira, com grande estrépito, rolando pelo chão. Levantou-se, esbravejando, numa língua totalmente desconheci-

3. Tipo de bebida fermentada, muito apreciada pelos *marlic*.

da aos ouvidos de Haram. Não precisava entender as palavras para perceber que estava furioso. O homem terminou de levantar-se, limpando a poeira das roupas. Haram surpreendeu-se: nunca vira um homem tão grande. Tinha talvez uma vez e meia a sua estatura, um peito muito largo, barriga proeminente. E os braços pareciam dois troncos de árvore. Trajava um uniforme que de tão sujo tinha a cor imprecisa. Um punhal pendia do seu cinto. Mas o que mais chamou a atenção de Haram foi o grande machado de dois gumes que trazia na mão esquerda. Mesmo com a queda não o largara e se apoiara nele para levantar. A lâmina parecia muito afiada e, ao menos daquela distância, Haram achava que deveria ser muito pesado. Só mesmo alguém muito forte para erguê-lo em batalha. Talvez até aquele homem tivesse dificuldades para usá-lo, necessitando das duas mãos. O homem não tinha um escudo, mas usava um pequeno elmo arredondado e sem insígnias, estranhamente encarapitado na cabeçorra. Sempre xingando o homem puxou com raiva as rédeas do cavalo magricela que ele conduzia. O cavalo, calmamente, o seguia. Não era um animal impressionante e parecia muito velho aos olhos de Haram. Não suportaria o peso de seu dono. Talvez por isso mesmo não tivesse uma sela de montaria, mas sim uma espécie de armação de onde diversas sacolas pendiam. Pelo barulho que faziam quando o cavalo caminhava, Haram supôs que dentro delas houvesse algo metálico, talvez algumas armas. Levantando um pouco o corpo para examinar melhor as sacolas, Haram percebeu que cometera um erro. O homem parara, percorrendo o mato com os olhos, a testa franzida. Haram imobilizou-se, os olhos fixos no machado, a respiração suspensa. O guerreiro ficou algum tempo parado, apurando o ouvido. Arregalou os olhos e arrotou tão alto que o cavalo recuou um passo. Piscou e caminhou diretamente na direção de onde Haram estava. Só então percebeu que o homem tinha um passo trôpego, como se tivesse tomado behr'lac demais. Não estava ferido: estava era bêbado. E caminhava na sua direção! Como que hipnotizado, não conseguiu se mexer. O guerreiro estava a cerca de dez passos dele, do outro lado do arbusto. Haram fechou os olhos, esperando o golpe do machado que poria fim à sua aventura fora dos montes marlic. Para sua surpresa, ouviu um som molhado, como de uma pequena cachoeira, ao invés do silvo do machado cortando o ar. Abriu um olho, devagar. O homem, com os olhos fechados, urinava na moita, algumas gotas respingando em Haram. Ficou imóvel, como uma pedra. Felizmente estava na sombra e o grande guerreiro não o vira. Se se mexesse, certamente seria notado. Respirou devagar. O homem terminou, arrotando novamente.

Ainda expeliu gases, ruidosamente. Virou-se para o cavalo e, irritado, pegou-o pelo bridão, aos gritos. Os olhos de Haram encontraram-se com os da montaria que estavam arregalados e fixos nele. As orelhas em pé mostravam o quanto o animal estava assustado. Por sorte, o guerreiro estava irritado demais para prestar atenção nas reações daquele velho pangaré. Puxou-o, esbravejando naquela língua estranha. O cavalo avançou, ainda tentando manter os olhos em Haram. Mas um outro puxão brusco do homem deve ter-lhe causado dor, o que o fez seguir obedientemente. Haram permaneceu imóvel, com um gosto estranho na boca. Sabia que o homem era um soldado. Não podia dizer por que lado lutava, nem qual sua origem. Mas era um soldado. E dentro daqueles sacos presos ao lombo do cavalo, Haram percebeu assustado, havia o que ele conseguira saquear. Suspirou. As coisas se complicavam. Se os soldados eram os saqueadores, onde estaria a população? Toda morta? Afrouxou o corpo, encostando a testa no chão. Sentia-se cansado, faminto, gelado e como se não tivesse mais para onde ir.

— Gal'mahan.

Murmurou baixinho, invocando a força do grande herói marlic. Nada aconteceu. Lembrou do velho Marhana. Não pode deixar de pensar que se o visse agora, o velho teria um sorriso de deboche no canto da boca. Certamente diria que era hora de voltar para os montes marlic e se tornar um pastorzinho cheirando a ovelhas. Haram sacudiu a cabeça. Isso nunca. Tinha algo a fazer, fosse lá o que fosse, de sua vida. E não era nos montes marlic que estava seu futuro. Balançou a cabeça outra vez, como que para clarear as ideias. Apurou novamente os ouvidos, procurando discernir os ruídos de alguém se aproximando ou se afastando. Como nada ouviu levantou-se e entrou na clareira, atravessando-a. Foi na direção de onde o guerreiro viera. Não era difícil seguir a trilha, mesmo não tendo grande experiência dentro do mato, como era o caso dele. Havia galhos quebrados em profusão. O homem devia ter caído várias vezes já que de vez em quando as plantas estavam amassadas. Haram achou que ele devia ter bebido muito sabe-se lá o quê. Num ponto da trilha, para sua surpresa, estava caído um saco de couro. Perto dele havia um monte esterco do cavalo e o mato estava mais amassado do que nos outros pontos. Haram percebeu que ali o guerreiro passara a noite. Talvez na pressa de carregar o cavalo e partir ou por estar bêbado demais, deixara aquele saco para trás, esquecido. Haram examinou-o. Era de couro de algum animal que ele não reconheceu. Mas o seu conteúdo era fácil de reconhecer. Comida. Havia um pão bolorento do qual Haram conseguiu

comer a metade que não estava esverdeada, um pedaço de carne assada que estava muito bom e algumas frutas vermelhas, carnudas e muito suculentas que ele adorou. Limpou os lábios com o dorso das mãos, sentindo-se menos perdido do que antes. Talvez fosse só a fome que lhe desse aquela sensação de que estava tudo errado. Agora que a saciara, podia continuar sua jornada. Continuou seguindo a trilha do Guerreiro do Machado, como o chamava em seus pensamentos. A uns trinta passos, na mesma trilha, havia alguém deitado ao comprido. Haram estacou. “Idiota”, repreendeu-se mentalmente, “preste mais atenção”. Ele estava totalmente a descoberto, facilmente visível. Mas o homem deitado não se mexeu. Haram tentou ouvir sua respiração, mas não conseguiu ouvir nada. Lentamente deu alguns passos. O homem continuava imóvel. Mais confiante Haram chegou perto. Como pensara, o homem estava morto. Um grande ferimento na cabeça o matara. Seu crânio estava fendido de alto a baixo, da testa ao queixo. Com uma sensação desagradável na barriga, Haram percebeu que já vira a arma que fizera aquilo. Certamente o grande machado abrira aquela cabeça com um golpe só, mesmo que o homem tivesse um elmo sobre a cabeça. O elmo também estava fendido, partido ao meio. Além de pesado o machado era muito afiado. Haram engoliu em seco. Passou a mão sobre a sua própria cabeça, como que procurando onde o machado racharia seu crânio. Não conseguia desviar seus olhos do ferimento. O rosto do morto estava todo desfigurado e com o sangramento profuso era só um emaranhado confuso de carne de onde um olho parecia fitar o alto das árvores. Haram percebeu que o homem tinha em vida aproximadamente a sua estatura. Uma ideia ocorreu-lhe, subitamente. Olhou para seu casaco de pele de ovelha. Qualquer um que o visse com aquele casaco diria que ele era um marlic. Sabia que as pessoas não gostavam dos marlic. Marhana algumas vezes tentara lhe explicar o motivo, mas nunca o convencera. O que ele sabia é que se fosse descoberto fora dos montes marlic, seria malvisto. Ainda mais nesses tempos em que tudo parecia estar fora do seu lugar e em que a morte rondava por perto. Sem pensar mais, tratou de despir o corpo. A roupa coube em Haram como se fosse feita para ele. Hesitou entre vestir ou não a cota de malha que o homem trajava. Acabou concluindo que era muito pesada e que só serviria para atrapalhar seu andar pela floresta. Deixou-a com o corpo, junto com suas roupas cheirando a ovelha. M’ahm ficaria triste se soubesse que ele largara seu casaco ao lado de um morto. Mas certamente ficaria muito mais triste se ele fosse morto por causa de seu casaco. O significado do gesto de tirar as roupas não passou des-

percebido à Haram, sempre tão dado à reflexão. “Agora deixo de parecer um marlic. Mas não deixo de ser um por dentro. E sou inimigo do Misha’han”. Sorriu. Se o velho Marhana o visse, certamente aprovaria. Pegando sua mochila e sem olhar para trás, continuou seguindo a trilha deixada pelo guerreiro. O homem devia ter vindo de algum lugar, de algum exército. E Haram gostaria de saber de qual.

Pelo resto do dia seguiu a trilha. Viu a moça ser decapitada neste dia, mais uma morte estúpida, como tantas que aconteciam diariamente a julgar pela profusão de corpos que ele encontrava. A diferença é que esta fora a primeira morte que ele presenciara. Continuou caminhando e, ao anoitecer, farejou fumaça. Saiu da trilha do Guerreiro do Machado, na direção para onde seu olfato o guiava. O som de risadas e conversas o fez perceber que estava no rumo correto. Tirou a mochila e a colocou no chão procurando fazer o mínimo de barulho possível. Embarçaria seus movimentos se continuasse com ela às costas. Rastejando, aproximou-se mais do clarão da fogueira que agora era bem visível à sua frente já que a noite caíra depressa. Tomando cuidado para não sair das sombras, espiou por entre os galhos de um arbusto. Sobre uma pele, ao lado da fogueira, seminus, estavam um homem e uma jovem. Com as calças abaixadas, deitado sobre a moça, o homem movimentava-se freneticamente, gemendo e suspirando. Tinha o rosto enterrado nos cabelos negros da moça. Ela tinha o rosto voltado na direção de Haram, com os olhos fechados e uma expressão de nojo claramente visível. “Por que ela suporta isso?”, ele perguntou-se. Para sua surpresa, ela abriu os olhos, fixando-os nos seus. Haram engoliu em seco, certo de que seria denunciado imediatamente. A moça levantou a mão direita e sem que o homem percebesse, fez um sinal para que Haram se escondesse. Ele abaixou-se, obediente. Notara os olhos negros dela, com o medo estampado neles. Recuou alguns passos, lentamente, no escuro. Sabia que descobrira um acampamento militar. Não parecia haver sentinelas, mas era melhor não se arriscar. Ficou deitado, observando. Com um grande gemido, o homem afrouxou o corpo. Rolou para o lado. A moça conversou com ele, uma voz suave e com uma nota de alegria que destoava do nojo que Haram vira no seu rosto. Sem uma palavra, o homem levantou-se e recompôs a roupa, indo embora. Ela ficou sentada, sem olhar para onde Haram estava. Ele tinha certeza de que ela o vira. Por um momento pensou que ela o entregaria ao seu homem mas ela não o fez e logo Haram percebeu o motivo: outro homem se aproximava, trazendo